

## GUARABIRA E SUA HISTÓRIA

LUCENA, Nélia de  
Esp. Em Geografia pela UEPB  
(Profª do Ensino Fundamental – EEFAN)  
luceantoc@yahoo.com.br

Palavras-chave: Guarabira- história-

### 0. notas introdutórias

O presente artigo faz parte de pesquisa realizada no trabalho monográfico intitulado “Condição ambiental das ruas Leonel Ferraz e Sá e Benevides, em função da feira livre, em Guarabira” e visa fazer o percurso histórico da cidade de Guarabira desde o período que precede a chegada de José Rodrigues da Costa Beiriz até os dias atuais. A pesquisa consta, sobretudo, de entrevista, levantamento bibliográfico e pesquisa em fontes históricas existentes na cidade. Revisita-se, portanto, os trabalhos já publicados sobre Guarabira, tais como *Reminiscências de Guarabira*, Emiliano de Cristo; *Itinerário Histórico de Guarabira*, Moacir Camelo e *O pássaro que come peixe- Guarabira e suas contendas políticas*, Antônio José de Souza e *Guarabira através dos tempos*, do Professor Cleodon Coelho.

### 1. Retrospecto histórico de Guarabira

Há controvérsias sobre a formação do povoamento da cidade de Guarabira, bem como a toponímia a ela atribuída. Em meados do século XVI as terras aqui existentes eram habitadas por várias nações indígenas, os Tupis-Guaranis, os Tabajaras e os Potiguares. Ambas viviam em conflitos por motivos diversos, em um desses conflitos os Potiguares expulsaram os Tabajaras, ficando senhores de uma vasta região, em seguida, expulsaram também contrabandistas europeus.

Segundo o historiador Antônio José de Souza (1996), a ocupação da área que compreende hoje Guarabira remonta ao primeiro século da colonização brasileira, resultado da Política de Colonização Agrícola do Brasil, imposta pelo mercado europeu, como não deveria ter sido diferente em outros lugares. O processo de povoamento levou à expulsão e dizimação das aldeias indígenas e quando do convívio com estas daí surgiam os núcleos coloniais de primeira ordem.

Durante o domínio Holandês nas terras paraibanas Elias Besehrijunge Van Herckmann, ex-Governador da Paraíba, fez a narrativa de uma viagem realizada da Serra da Cupaoba (hoje a cidade da Serra da Raiz) em 1631 acompanhado de sua comitiva. Tal viagem teria

atravessado os atuais municípios de Guarabira e Areia.

Neste século, sob o reinado D. Felipe II, Duarte Gomes da Silveira teve notável influência na nossa historiografia, iniciando o desbravamento nas férteis caatingas: U. gr Quandús, perto de Araçagi, a pecuária e latifúndios. Nasceu em Olinda, filho de pais portugueses Pedro Alves da Silveira e Maria Gomes Bezerra. Digno de relevo no fim das guerras dos Portugueses, em 1578, veio em missão de paz da vila de Natal para Cupaoba e Quandús, tratavam-se, então, de duas aldeias de índios.

Nessa região, o Pe. Espanhol Jesuíta Gaspar Sampere era engenheiro e arquiteto, especialista em fortificações militares. Este viajara a pé com a finalidade de pacificação Potiguar, desarmado, apenas portava uma couraça da fé, transformando os valentes e rebeldes selvagens em ovelhas mansas e fiéis. Como os outros Jesuítas, este veio só em missão de paz.

Tempos após, holandeses, garimpeiros, sob as ordens de Elias Herckmann procuravam minas no rio Araçagí desta zona.

De 1586 a 1600, como prêmio de seus trabalhos, Duarte Gomes da Silveira recebeu de Sua Majestade, o título de Capitão-Mor da Serra da Cupaoba, sendo, portanto a primeira autoridade da região. Era católico praticante e fervoroso de sentimentos nobres, filantropo e justiceiro vindo a falecer com 87 anos em 1644. Os currais de fazendas de gado pertencentes a sua pessoa localizavam-se próximo ao rio Quandús, local da aldeia dos índios com distância aproximada de 30 km para a Serra da Cupaoba. (Emiliano de Cristo 1960, p.5-6).

A faixa territorial que compreende o atual município de Guarabira foi a decorrência da ocupação da região denominada "Serra da Cupaoba". Sendo, portanto, convergente dos mais importantes núcleos de colonização da Paraíba. Tornou-se zona ou intermédio entre as linhas de penetração de ambições de fazendeiros, latifundiários e minifundiários, que almejavam conquistar o seu poder no território, através de terras devolutas na caatinga litorânea do Estado.

Dominando os Potiguares na região devastada da Cupaoba, as terras conquistadas foram divididas por sesmarias. Segundo o Termo de Petição da Sesmaria do Padre Francisco Ferreira este comprovou ao então Padre Miguel Dias as terras solicitadas do Governo Provincial e mais outra parte de terras às margens do rio Araçagí, duas léguas em quadro às cabeceiras do rio Goijaemenduba, cortado para o rio Curimataú. (Moacir Camelo 1990, p.49). Segundo José Leal e Luis Pinto citados por Moacir Camelo, dizem que a fundação

de Guarabira vem do ano de 1694 em terras do engenho Morgano, pertencente a Duarte Gomes da Silveira, que destarte, tornou-se o seu fundador (...) dizem que o primeiro dono destas terras fora o Padre Francisco Ferreira a quem foi feita a doação de duas léguas em quadro. O sacerdote donatário não foi bem sucedido na exploração de seus domínios não dando valor ao presente recebido. De acordo com as narrativas de Antonio Souza, neste mesmo ano foram construídas várias residências nestas terras, sendo o núcleo original do município de Guarabira e por ser muito propício nosso solo para o cultivo da cana-de-açúcar, atraiu inúmeros empreendedores e este povoado progrediu muito.

Aos 15 de maio de 1730, o Padre João Milanês construiu uma capela alusiva a Nossa Senhora da Conceição, sendo no local onde atualmente existe a Catedral de Nossa Senhora da Luz.

Em meados de 1755, portanto, 25 anos após a construção da primeira capela chega a Guarabira o português José Rodrigues Gonçalves da Costa Beiriz, era natural de Beiriz, pequena povoação do Conselho de Póvoa de Vargim distrito do Porto, segundo Monsenhor Emiliano de Cristo (1960, p.6-7) e Moacir Camelo Melo (1999, p.58), ambos descreveram que por motivo de um grande terremoto seguido de um maremoto e de um incêndio de vários dias, destruiu Lisboa em primeiro de novembro de 1755, deixando mais de 40.000 mortos. Já o Almanaque Abril (2000 e 2001) relata que este fato histórico de Portugal só atingiu 12 mil mortos. Portanto, certo ou não, a quantia não vem ao caso. O mais condizente é que aquele mais tarde tornaria o verdadeiro fundador de Guarabira, tomado de pânico pelo cataclisma, protestou junto a Nossa Senhora da Luz o rogo de Beiriz, que se mudara de Portugal com a família, conduzindo a venerada imagem da Luz, onde edificaria uma ermida numa terra que não sofresse abalos sísmicos. Assim fez, cumprindo sua promessa, escolheu o Brasil, dentro do Brasil a Paraíba e nas terras delas, elege Guarabira para substituir a sua Beiriz de Póvoa de Vargim, Comprando-a do Padre Ferreira por 6000 cruzados. Voltando à terra de origem e dela traz sua família, atraiu-o de certo a feracidade da terra, que seria considerada mais tarde como terra da luz.

A família de Costa Beiriz se compunha de quatro filhos, acompanhou-os um sobrinho de nome José Joaquim da Silva ao que parece comprometido em casamento com uma de suas filhas. Os filhos de Beiriz eram Virginia, Romana, Catarina e Padre Cosme. Devido a este filho foi construído de taipa a primeira casa de oração, onde oficiava. Ali entronizara um símbolo de consolação e refúgio: a imagem que ele trouxera de sua terra natal, que a tinha por padroeira, e em torno da tal capela foi sendo edificada a cidade. Já o historiador

Cleodon Coelho (1955, p.13), afirmou ter sido o Padre João Milanês o construtor da primeira capela em 15 de maio de 1730.

Ainda sobre a família de Costa Beiriz, a literatura existente sobre sua chegada não consta de quem teria sido sua esposa, nem mesmo se ela teria vindo em sua companhia, como também sobre o óbito de Costa Beiriz, sobre o qual não foi deixado registro bem como uma fotografia ou rabisco a bico-de-pena. O sabido é que sua família ramificou-se no lugar chamado Barra de Cuité, hoje cidade de Cuitegí e nas áreas do seridó paraibano, não constando identificação de bisnetos ou trinetos de Beiriz aqui na cidade de Guarabira. Quando Costa Beiriz aqui se instalou com sua família não existia praticamente nenhuma residência onde agora é a área urbana da cidade, a não ser a citada capela construída por Padre João Milanez em estado de abandono. Aqui ele montou um engenho de cana de açúcar com eixo de ferro, o primeiro talvez aqui introduzido. O engenho fora localizado nos terrenos onde existiu a olaria de Ananias, no bairro Novo, nas proximidades do Sturno. A família Beiriz foi realmente a raiz de todas as famílias de Guarabira que se misturando com as do França de Oliveira e dos Batistas espalharam seus descendentes no território guarabirense de acordo com as informações de Antonio Souza (1996, p.73) segundo Moacir Camilo (1999, p.). Eis o quanto se sabe dos primeiros habitantes de Guarabira.

Como fora relatado, há muitas controvérsias sobre o povoamento, dados incertos, falhos, imprecisos. Na gestão do prefeito Antônio Galdino Guedes, no período de 1925 a 1929, prestou uma homenagem ao velho português, batizando uma das ruas da cidade ao fundador de nossa terra como rua Costa Beiriz.

Em consonância com os efeitos geográficos ao longo do tempo, vimos que a História também é constituída a cada tempo, passando por transformações. Ao longo da nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de contactar com uma descendente na quinta geração, do desbravador da nossa cidade. Nesse ponto, portanto ressaltamos alguns relatos que ela faz sobre esse seu antepassado, considerando sua grande contribuição na construção da nossa história.

Sobre Costa Beiriz afirmara que o mesmo aqui chegando, era viúvo e vindo na companhia dos filhos e sobrinhos e que, no seu sobrenome não existia o nome Gonçalves. Este foi adquirido aqui e como também o Beiriz. O último nome foi só uma forma de homenagear o povoado a que pertencera em Portugal, daí o correto seria José Rodrigues da Costa (Beiriz). Era um homem trabalhador temente a DEUS, justo e só queria ver estas terras crescerem, tanto fez que as doava para quem construísse aqui suas moradias.

Sobre o mencionado terremoto que acometera seu país, sua descendente esclareceu que não tinha sido daquelas proporções, a mesma tivera visitado Portugal e constatado por moradores locais. Conta ainda que Costa Beiriz desgostoso com a não veneração a Imagem da Luz, fora embora e sobre sua morte e outros descendentes não soube narrar. Havia a existência de um livro, no qual o nosso desbravador escrevera sobre estas terras e famílias. Houve divergências entre descendentes e até hoje é um mistério o desaparecimento desse livro. Trata-se, portanto, da nossa história viva.

Adiantando textualmente, o nosso município é rico de vestígios indígenas na sua formação, vários foram os estudiosos que tentaram definir o significado do vocábulo GUARABIRA de acordo com o historiógrafo e publicista Pedro Batista citado por Moacir Camilo (1999, p.63), sempre quando se trata dos topônimos paraibanos aparecem dúvidas sobre a origem. Para uns procede de cão selvagem, o GUARÁ dos silvícolas, já para outros do pássaro do mesmo nome. A denominação antiga era GUIRAOBIRA, decompõe assim GUIRA - pássaro grande, BIRA - árvore dos pássaros. A topografia da cidade, entre morros, terá provavelmente influído na sua denominação, por onde se evidencia que aquele “o” entre os étimos GUIRÁ e BIRA, não estão ali somente para atrapalhar, ou seja, formam GUIRABIRA.

Outros explicam: GUARÁ-PIRÁ, pássaro que come peixe, rios dos pássaros, GUARÁ-IBIRÁ, nato das raposas. Já o Padre Luis Santiago dentre seus estudos feitos da toponímia de diversos lugares da Paraíba segundo Moacir Camelo (1999, p.64), em seus artigos o sacerdote, ensejando-nos a conhecer a terminologia de vários nomes advindos do tupi sobre Guarabira, assim relata: Guarabira na língua Tupi-Guarani quer dizer - Guara-pora ou bira - prepositivo nominal indicando “moradia” GUARABIRA ou GUARAPORA “moradia dos guarás”.

GUARABIRA lembra o aparato faustoso das nossas garças azuis que naquela terra tinha o seu berço. O que hoje vale dizer: berço das garças azuis, provenientes das várias lagoas que foram aterradas. Estas se constituíam nichos ecológicos, abrigando várias espécies de aves. Nesta localidade, hoje é a avenida D. Pedro II, rua de grande movimentação comercial. Como se vê, o caso não é pacífico. Os estudiosos do assunto segundo Antonio Souza (1996, p.2), não se acordam em um único significado para o vocábulo indígena que batizou o município. “O consolo é que ele nos pertence, só a nós, Nenhum outro lugar no mundo tem denominação idêntica, orgulhemo-nos dela, embora não a entendamos bem”.

Dentre tantas interpretações para o topônimo GUARABIRA, para nós , o que parece nos

parece mais simpático é “Cidade das Garças Azuis”.

Anos após, em meados do ano de 1948, relata o prefeito na ocasião, Sabiniano Alves do Rego Maia (1980, p.55), a cidade que Costa Beiriz fundou por volta de 1755, vivia encerrada entre morros, sem direito a uma expansão de que tanto necessitava. Os senhores Abdon Miranda e João Benevides, ambos cederam 56 hectares de suas terras.

Nesta área, que foi levantada topograficamente pelo agrimensor Alberto Pires Ferreira, o engenheiro Clodoaldo Gouveia, o urbanista da cidade de João Pessoa, planejou e projetou uma nova cidade, compreendendo avenidas, ruas, praças e um parque. Este que em menores proporções muito se assemelharia ao Parque Sólon de Lucena da capital, dispunha até de uma lagoa, o conhecido açude do Dr. Abdon, onde hoje é o Bairro do Juá. Não quiseram que a cidade respirasse por este pulmão e aterraram-no sendo o futuro parque transformado em ruas. Diante de tal violência ecológica, o ex-Prefeito Sabiniano Maia diz “...Paciência. Cada cabeça cada mundo (...)”, pois o mesmo projetava para aquele lugar um parque semelhante ao que temos até hoje na Capital. Como podemos ver no mapa de expansão da cidade.

O povoado de Guarabira, por volta de 1830, apresentava os primeiros sinais de crescimento em vários setores: sociais, econômicos e financeiros, destacando-se na agro-pecuária, no comércio e na indústria açucareira. Guarabira já estava bastante desenvolvida, pois seu principal produto o algodão despontava em alta cotação surgindo várias lojas comerciais, mercearias de porte médio, hotéis e armazéns de descarçamento de algodão, além de casarões e sótãos imponentes na rua da Matriz e as ruas começavam a se delinear com mais estética, inclusive com uma feira semanal.

A necessidade de transformar a povoação em vila despertou os legisladores provinciais, 82 anos após a chegada de Costa Beiriz. Na época, governava a Província da Parahyba do Norte o presidente Basílio Quaresma Torreão, o qual sancionou a lei provincial de nº 17 de 27 de abril de 1837, em villa de independência e em Freguesia, cujo orago será o de Nossa Senhora da Luz, a denominação de Vila Independência em homenagem à independência do Brasil. Na condição de vila passou a ser ponto obrigatório de ligação entre o brejo e o litoral, deslocando a rota comercial que convergia para Mamanguape. Distante de ser elevada à categoria de cidade, apesar de apresentar a mesma estrutura político-administrativa de outras cidades, mas o prestígio político dos representantes locais não era o suficiente para concessão de tão alto status. (Antônio Souza. 1996, p.10)

Mesmo com todo apogeu de vila próspera, ainda sua circunscrição jurídica pertencia a

Bananeiras que era a “cabeça da comarca”. Somente sua criação se deu a 10 de outubro de 1857, um ano após extinta e restaurada em 1870. Novamente, extinta em 1871 e definitivamente restabelecida a 25 de julho desse mesmo ano, finalmente depois de vários processos de sanção.

A cidade passou por uma grande inovação somente com um extraordinário mecanismo de transformação na segunda metade do século XIX, com a chegada do transporte ferroviário. A primeira estrada de ferro Conde D’Eu foi instalada em Guarabira em 5 de julho de 1884, sendo Chico Diabo o maquinista pioneiro da locomotiva que o povo chamava de “maroca”. O trem de passageiros e cargas cortava a cidade, trazendo progresso ao comércio local e de toda a região polarizada pelo município de Guarabira.

A vila já dispunha de agência dos Correios, lojas comerciais, cartórios, uma bela igreja, com duas Escolas Mistas Rudimentares, Câmara e Intendência Municipal, além de 10 ruas com aspecto de uma cidade progressista. Mas com a continuação do progresso de expansão, decorrente em grande parte da invejável posição geográfica e da fertilidade do solo da área, de forma que cinqüenta anos depois, contribuiu para que recebesse foros de cidade(...) faltando um ano para assinatura da Lei Áurea, que promulgava a Abolição da Escravatura no Brasil, Guarabira recebia com vibração a outorga de cidade, o presidente da Província Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, sancionou a Lei Provincial de nº 841 de 26 de novembro de 1887, tornou-se um município independente com o nome de Guarabira (...).

Mais que a extensão do território, possuía 933 km<sup>2</sup> um pequeno Estado dentro do Estado, o elevado número de distritos, num total de sete, ou seja, além da sede, Alagoinha (antiga Tanatuba), Mulungú (ex-Camarazal), Cuitegi, Cachoeira dos Guedes, Araçagi e Pirpirituba. Desses, Alagoinha e Pirpirituba transformaram-se em municípios em dezembro de 1953, Mulungu e Araçagi em abril e julho de 1959 e Cuitegi em dezembro de 1961. Em 1951, Guarabira ganhou o distrito de Pilõezinhos, emancipado em dezembro de 1963. Após esses desmembramentos possui Guarabira 146 km<sup>2</sup>, além da sede apenas o distrito de Cachoeira dos Guedes.

Vale salientar que nas divisões territoriais e administrativas referentes aos anos de 1911 e 1933 o município de Guarabira era formado por um só distrito, o da sede. Já nas divisões territoriais de 31 de dezembro de 1936 e de 31 de dezembro de 1937, como também no quadro anexo do Decreto Lei nº 1010 de 30 de março de 1938 e que se integram os sete distritos anteriormente citados, já pelo Decreto-Lei nº 1164 de 15 de novembro de 1938,

onde, todavia o distrito de Cuité tem seu nome mudado para Cuitegi.

Através de retrospecto histórico de sua expansão urbana, observa-se que até os fins do século XIX a cidade foi crescendo sem pressa, mantendo usos e costumes tradicionais sem conhecer os hábitos de cidade grande. Apesar de cidade pequena em tamanho nunca descuidou de seus ideais culturais.

Desse tempo para cá, a cidade cresceu administrativamente e hoje é um dos centros culturais de importância na Paraíba, possuindo teatro, escolas, museu, centro de documentação, fórum, hospitais, III Campus Universitário da UEPB, emissoras de rádio e desponta no turismo nacional, com a presença do Memorial Frei Damião, localizado em uma das serras circundantes da cidade, com a forte presença da Igreja Católica e a religiosidade marcada pela crença no Frei Capuchinho.